



Vol. 18, número 2, jul-dez, 2025, pág. 514-536

**Impactos psicossociais da Covid-19 no turismo de comunidade ribeirinha  
amazônica**

**Psychosocial impacts of Covid-19 on tourism in an amazon riveriune  
community**

**Jhanine Magalhães Cabral<sup>1</sup>**

**Marcelo Calegare<sup>2</sup>**

**Resumo**

A comunidade ribeirinha Saracá, localizada na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Rio Negro, Amazonas, Brasil, teve sua população infectada na pandemia da COVID-19, impactando na vida comunitária e no Turismo de Base Comunitária. Tomando as perspectivas teórico-metodológicas das Psicologia Social Comunitária, temos por objetivo analisar os impactos psicossociais da COVID-19 na comunidade Saracá e no turismo local. Realizamos pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada com 4 participantes-chave e análise de conteúdo, que resultou em cinco categorias: vida antes da pandemia; chegada da COVID-19; necroconvivência; impactos e enfrentamentos; consequências e novo normal. Discutimos que, apesar da morte da liderança e distintas dificuldades, houve estratégias de enfrentamento e posterior rearticulação das redes comunitárias para retomada do turismo nessa comunidade rural/ribeirinha amazônica. Concluímos que se devem considerar o ativismo e a força de superação dos(as) ribeirinhos(as) nas leituras psicossociais das florestalidades amazônicas.

**Palavras-chaves:** Comunidade Rural; Turismo Sustentável; Covid-19; Psicologia Social Comunitária; Unidade de Conservação.

<sup>1</sup> Turismóloga, Geógrafa e licenciada em Pedagogia, docente da rede pública de ensino e discente em Psicologia da UFAM [jhaninemcabral@gmail.com](mailto:jhaninemcabral@gmail.com) <https://orcid.org/0000-0001-7839-5880>

<sup>2</sup> Docente da UFAM. [mcalegare@ufam.edu.br](mailto:mcalegare@ufam.edu.br) <http://orcid.org/0000-0001-6814-5300>



### Abstract

The riverine Saracá community, located in the Rio Negro Sustainable Development Reserve, Amazonas, Brazil, had its population infected by the COVID-19 pandemic, impacting community life and Community-Based Tourism. Taking the theoretical-methodological perspectives of Community Social Psychology, we aim to analyze the psychosocial impacts of COVID-19 in the Saracá community and local tourism. We carried out qualitative research, with semi-structured interviews with 4 key participants and content analysis, which resulted in five categories: life before the pandemic; arrival of COVID-19; necro-coexistence; impacts and confrontations; consequences and new normal. We discussed that, despite the death of the leadership and distinct difficulties, there were coping strategies and subsequent rearticulation of community networks to resume tourism in this rural/riverine Amazon community. We conclude that the activism and overcoming strength of riverine dwellers must be considered in psychosocial readings of Amazonian forestry.

**Keywords:** Rural Community; Sustainable Tourism; Covid-19; Community Social Psychology; Protected Area.

De acordo com a definição jurídico-normativa do decreto nº 6.040/2007, os povos e comunidades tradicionais (PCT) são “grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais, possuidores de formas próprias de organização social, ocupantes e usuários de territórios e recursos naturais como condição à sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica”. Além dessa prescrição, numa perspectiva psicossocial tais grupos possuem peculiaridades que caracterizam seus modos de vida e identidades coletivas, como: movimentos políticos de características étnicas; ocupação econômica e gênero; relações familiares e comunais; ligação com o território (ou sua falta); saberes da natureza e transmissão oral; epistemologias plurais; resistência aos grandes projetos de desenvolvimento sustentável (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2019).

Pertencem aos PCT os povos da floresta (ou povos amazônicos), generalizados como caboclo amazônico ou ribeirinho, que apresentam uma pluralidade étnico-cultural oriunda da colonização, miscigenação e da ocupação na Amazônia (Fernandes & Moser, 2021). Como ressaltaram Lira e Chaves (2016), os ribeirinhos detém conhecimentos tradicionais transmitidos por gerações, o que lhes permite viver de modo sustentável e próximo à natureza, possuindo práticas produtivas para autossustento ou pequena produção, estratégias de ajuda mútua,

formas de organização sociopolítica e de ocupação do espaço típicos e adaptados à região amazônica.

Em particular no Amazonas, estado que tem 57,3% do território sob proteção nos âmbitos federal, estadual e municipal (Estado do Amazonas, 2023), alguns PCT habitam em Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), uma modalidade de Unidade de Conservação (UC) concessiva ao uso sustentável e à presença humana dentro do Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC) (Calegare & Higuchi, 2013). Pelas leituras psicossociais de Higuchi et al. (2013), os PCT de RDS amazônicas têm modos de vida caracterizado pelas relações humanas mais solidárias e familiares, vínculos afetivos e de cuidado com o ambiente, circulação constante entre a zona rural e urbana. No sentido de agregar leituras psicossociais às questões e problemas inerentes às distintas ruralidades amazônicas, Calegare (2023) sugeriu que se deva considerá-las como florestalidades: as relações humanas, segundo distintas dimensões, que ocorrem em função das vivências e representações da floresta, rios e terras, imaginadas ou concretas, produtoras/produzidas na relação pessoa-floresta e que constroem identidades, práticas sociais e universos simbólicos. Nesse sentido, as leituras das florestalidades vivenciadas pelos PCTs de RDS nos trazem particularidades inerentes à vida amazônica.

Por outro lado, no estado do Amazonas a chegada da COVID-19 atingiu dimensões alarmantes e fez de sua capital Manaus um epicentro mundial da doença. Isso causou grandes impactos, tanto econômicos como psicossociais, responsáveis por mudanças significativas na vida da população amazonense, incluindo os municípios e territórios que abarcam os PCT. A COVID-19 alcançou também regiões longínquas, impondo aos povos amazônicos conviver com contaminações e óbitos, escancarando a classificação de maior vulnerabilidade destas áreas, sujeitas às desigualdades sociodemográficas e a carência de acesso aos serviços de saúde (Alves et al., 2022; Floss et al. 2020; Salino & Ribeiro, 2023).

No intuito de contribuir com uma leitura psicossocial a respeito dos impactos da pandemia da COVID-19 na zona rural/florestal do estado do Amazonas, fizemos um recorte dessa realidade na Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro (RDS Rio Negro), onde se encontra a Comunidade São Sebastião do Saracá

(comunidade Saracá). Os habitantes da comunidade Saracá têm seu modo de vida altamente vinculados aos recursos naturais e a seu manejo, dispostos nas formas de trabalho, crenças, lazer, organização social e habitação, tal como em outras comunidades ribeirinhas (Higuchi et al., 2013; Lira & Chaves, 2016).

Na comunidade Saracá, assim como em outras comunidades dessa região de UC, os moradores sobrevivem da pesca, programas de distribuição de renda, agricultura familiar e, há 11 anos, do Turismo de Base Comunitária (TBC). Esta última é uma alternativa estratégica factível à sustentabilidade e ao desenvolvimento local em RDS, por ser protagonizado pela comunidade com o uso sustentável dos recursos do lugar (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade [ICMbio], 2018). Nas UC esse modelo de turismo alia o compromisso de conservação da biodiversidade com a afirmação do direito dos PCT, gerando reconhecimento, aceitação social, desenvolvimento responsável e valorização das tradições pela relação terra/indivíduo (Moraes et al., 2024).

Em parâmetros psicossociais, o TBC tem potência para colocar os PCT na vanguarda de suas ações, pois o produto ofertado é a partilha dos modos de vida local e não só hospedagem visando renda, o que requer olhares voltados à multiplicidade de versões e traduções dessa prática que, pelas associações e dissociações entre os atores envolvidos e os movimentos de reinvenção, tecem dinâmicas socioculturais (Maldonado, 2014; Moraes et al., 2023). Logo, no TBC ocorre a renovação dos laços psicossociais de solidariedade e oposições, que ao estreitarem-se podem tecer redes de atores em ação. Em RDS na Amazônia isso possibilita aos moradores a garantia de tomada de decisão sobre os processos e a otimização dos benefícios derivados das atividades associadas (Moraes et al., 2024). Conforme salientou Freitas (2020), do processo comunitário surgem recursos para o fortalecimento das redes locais, pois os moradores geram e otimizam habilidades e métodos para gerir a vida, visando suprir necessidades e transformar a comunidade.

Na perspectiva da Psicologia Social Comunitária (PSC), uma comunidade é entendida como um lugar de moradia e socialização, de trocas afetivas, de convivência e sobrevivência, de permanência e pertencimento (e identidade), de crescimento e proteção dos moradores e de suas individualidades frente à natureza



e a sociedade (Góis, 2005). Entre os processos psicossociais vivenciados em comunidade contam aqueles inerentes às redes comunitárias, entendidas como as tramas de relações que apoiam um fluxo e refluxo constante de informações e mediações organizadas, firmadas em prol de um fim comum (Montero, 2004). Estas são tecidas pelo desenvolvimento das atividades comunitárias – como o TBC, por exemplo – que por meio da participação ativa geram pertencimento e busca eficácia coletiva às lutas por melhorias comunitárias (Câmara, 2008).

Como ressaltamos, a vida comunitária acontece por meio de distintos processos psicossociais, que Calegare (2021) descreveu como sendo as atividades, fenômenos e operações que acontecem entre o organismo (bio), o psíquico e o social nas relações humanas, seja das pessoas entre si ou destas com os elementos materiais e imateriais. Adaptando essa leitura psicossocial às florestalidades amazônicas, Calegare (2023) defendeu a importância de estudar os processos psicoflorestais, isto é, “as relações e vivências da pessoa consigo, com as outras pessoas e com todos os seres e objetos nas cidades, florestas, rios, terras e todos os ambientes amazônicos, que se expressam no jeito ser e viver amazônida” (p. 35).

Desta feita, os pressupostos do TBC e da PSC – esta última aliada com a perspectiva da florestalidade e processos psicoflorestais –, ainda que não sejam iguais, comungam de fins comuns, tais como: a busca pela transformação social; a ativação dos processos fortalecedores que envolvem o sentido coletivo e libertador; o protagonismo comunitário que resulta no controle das ações e empoderamento; a importância das redes; a busca por qualidade de vida e conservação da biodiversidade; o sentido de inclusão e participação cidadã/social pela apropriação da realidade; a valorização da cultura local e dos modos de vida; a equidade social e a educação; o senso de pertencimento e, em última instância, uma proposta de desenvolvimento local capaz de contribuir para a consolidação de um compromisso ético e cidadão (Câmara, 2008; Freitas, 2020; ICMBIO, 2018; Maldonado, 2009, Maldonado, 2014; Montero, 2004; Moraes et al., 2023; Moraes et al., 2024).

No Amazonas, as pesquisas em UC a respeito do TBC costumam vir de áreas como Turismo, Geografia ou Ciências Ambientais, que durante a pandemia da COVID-19 exploraram e ressaltaram os impactos e reflexões sobre setores que

envolvem o turismo nas RDS, os transportes e seus meios como fator de propagação viral, bem como as mazelas enfrentadas pelos PCT ante a situação pandêmica (Alves et al., 2023; Menezes et al., 2021; Simonetti et al., 2022). Contudo, tais pesquisas não contemplaram leituras psicossociais dos impactos da pandemia da COVID-19 no cotidiano comunitário ribeirinho, levando autores como Moraes et al. (2023) a apontarem que os efeitos da pandemia não poderão mais ser ignorados nas pesquisas sobre esse tema. Isso expressa a importância deste artigo, que tem como objetivo analisar os impactos psicossociais da COVID-19 na comunidade Saracá e no TBC por meio de leituras psicossociais.

## 2. Método

A comunidade Sacará existe oficialmente há 40 anos e é composta por 36 famílias de ribeirinhos(as) (identidade autodeclarada), somando 90 habitantes. Faz parte da RDS Rio Negro (Amazonas, Brasil), criada a 26/12/2008, onde há um total de 19 comunidades tradicionais. Esta UC está localizada na margem direita do baixo rio Negro e integra o Corredor Ecológico da Amazônia Central e o Mosaico de Áreas Protegidas, abarcando parte dos municípios de Manacapuru, Novo Airão e Iranduba.

Para chegar ao local, viaja-se de lancha desde o porto do São Raimundo em Manaus, num percurso que dura cerca de 2h30 pelo rio Negro e que requer despesas financeiras. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho colaborativo e participativo, que está de acordo com os pressupostos da PSC e que revela ser a maneira mais apropriada para pesquisas em comunidades ribeirinhas amazônicas (Calegare et al., 2013).

Antes da pesquisa, construímos vínculos com as lideranças e alguns moradores, o que facilitou nossas negociações e estabelecimento de acordos (Calegare, 2021), que aconteceram por mensagens de *whatsapp* e telefonemas. A proposta da pesquisa foi acolhida por eles e foi autorizada pela Secretaria de Estado e Meio Ambiente (SEMA) – órgão responsável pela gestão de UC estaduais – e pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade XXX (nº XXX), havendo da nossa parte observação de todas as exigências éticas desses órgãos e dos protocolos de segurança à saúde.



Como instrumento de pesquisa, elaboramos um roteiro de entrevista semiestruturada, com perguntas a respeito da vida na comunidade, os acontecimentos da pandemia da COVID-19, o TBC, os impactos sofridos e as reorganizações após essa doença. A partir de visitas à comunidade, com conversas informais e participação nas atividades comunitárias, levantamos 4 informantes-chave que se disponibilizaram a participar da pesquisa, que apresentamos por nomes fictícios:

1. Nhorinhá, mulher, 39 anos, liderança do turismo e artesanato, 23 anos de comunidade;
2. Riobaldo, homem, 61 anos, pescador e madeireiro aposentado, 61 anos de comunidade, viúvo da líder morta pela COVID-19;
3. Zé Bebelo, homem, 49 anos, pescador e líder comunitário, 20 anos de comunidade;
4. Diadorim, mulher, 43 anos, professora e ex-liderança, 7 anos de comunidade.

O TBC na comunidade Saracá foi interrompido a partir de março de 2020 e retomado no segundo semestre de 2022. Nosso período de entrevistas foi entre setembro de 2022 e fevereiro de 2023, realizadas presencialmente com os participantes em locais reservados, dentro ou fora de suas residências, sendo audiogravadas. Após a transcrição, realizamos a análise de conteúdo temática segundo Bardin (2011), seguindo as fases: pré-análise (leitura flutuante e organização da análise), exploração do material (enquadramento dos trechos das entrevistas, codificação e categorização) e tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos resultados (apresentação dos resultados e discussão). Acrescentamos às análises informações construídas nos diálogos informais e anotadas em diário de campo.

### **3. Resultados e discussão**

Nossa análise de conteúdo temática revelou que o tempo da vida comunitária foi categorizado a partir da pandemia: vida antes da pandemia; chegada da COVID-19; necroconvivência; impactos e enfrentamentos; consequências e novo normal. Abordaremos cada uma das categorias temáticas a

seguir.

### 3.1 Vida Antes da Pandemia

Esta categoria refere-se às dinâmicas da vida comunitária antes da pandemia. A história da comunidade Saracá se confundia com a de dona Raimunda (Raimunda Saracá, *in memoriam*), fundadora e líder comunitária. Uma mulher que se identificava como ribeirinha, com um senso de pertencimento moldado pelas conquistas ao longo de sua trajetória, reconhecida na RDS Rio Negro por seus múltiplos papéis: ativista, defensora da floresta, liderança, parteira, pastora evangélica, professora, rezadeira e responsável por muitas conquistas locais. Conforme relatou Zé Bebelo, *“era uma pessoa que era muito guerreira, né, gostava de luta e ir em busca dos nossos objetivos de um modo geral assim, sobretudo, né, educação, saúde, geração de renda, a dona Raimunda era uma pessoa muito guerreira”*. Para os(as) comunitários(as), Raimunda expressava seu valor identitário, político, espiritual e econômico de PCT ligada ao território. Enquanto líder, ela organizou, mobilizou e potencializou o fortalecimento comunitário, o que Câmara (2008) considerou aspecto importante às lutas comunitárias.

Com o advento do TBC, ainda conseguiu dar nova conotação à comunidade: *“Saracá, a melhor que há”*, lembrou Diadorim, bordão pintado no redário. Conforme lembrou Zé Bebelo, o TBC instaurado na comunidade era visto como uma forma de *“vivenciar a pessoa ... mostrar ... o dia a dia mermo”*. Mostrar a dimensão humana e cultural da comunidade como uma ação indissociável das dinâmicas sociais é uma característica do TBC, que se engendra e se constitui nos processos contínuos da realidade local onde se desenvolve (Maldonado, 2009; Moraes et al., 2024). Como pudemos vivenciar diretamente, o TBC na comunidade Saracá oferecia: hospedagem em redário e/ou quarto de comunitário; reconhecimento comunitário; oficina de artesanato, incluindo o trato das sementes; trilha de sobrevivência com nativos; passeio de canoa pelo lago; demonstrações de pesca; demonstração de danças; alimentação regional.

Além de contar com Raimunda articulando as redes comunitárias, antes da COVID-19 a vida no Saracá seguia com boa convivência e poucas preocupações com a saúde:



*Não tinha problema nenhum quanto a dificuldade de raciocínio ... tudo era mais fácil né, até mesmo na comunidade, nossa convivência ... tinha nossos eventos, nossas atividades entre os comunitários, ninguém tinha medo, né, de adoecer (Diadorim).*

*Era uma coisa muito mais, não sei, muito mais simples, mais alegre (Riobaldo).*

Nota-se o acento nos eventos (festejos, reuniões esportivas etc.) e atividades comunitárias, que numa perspectiva psicossocial dão sentido ao pertencimento, fortalecem as redes comunitárias e a identidade de seus moradores (Araújo & Calegare, 2018). Isso demarcava também a simplicidade e alegria da vida numa comunidade ribeirinha, especialmente pela convivência com os demais moradores e que caracteriza o morar e viver da vida dos(as) ribeirinhos(as), não obstante haja dificuldades de acesso a bens e serviços sociais e outras atribuições inerentes à região amazônica (Higuchi et al., 2013).

### **3.2 Chegada da COVID-19**

Esta categoria destaca a chegada da COVID-19 na comunidade Saracá, o impacto nos(as) moradores(as). Segundo a Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (FVS, 2021), houve dois momentos críticos da COVID-19 no estado: o período 1 da doença (março a maio de 2020) e o período 2 (dezembro de 2020 a fevereiro de 2021), este último conhecido nacionalmente pelo colapso dos atendimentos em Manaus e Amazonas. Na “primeira onda”, não houve casos na comunidade. Entretanto na “segunda onda”, temos os seguintes relatos:

*Nos pegou de surpresa ... a gente só ouvia quando teve início da COVID no país, a gente jamais imaginava que ia chegar até nós, né? Por motivo que a gente mora aqui, em comunidade ribeirinhas, ser isolados ... ficamos surpresos (Nhorinhá).*

*Ela chegou assim muito rápido ... como uma nuvem, aquilo veio tipo uma fumaça ... e arreou todo mundo rapidinho (Riobaldo).*

*Foi quase 100%, né, em 2021 ... a comunidade todinha (Zé Bebelo).*

No Amazonas, Floss et al. (2020) ressaltaram que o isolamento geográfico dos povos da floresta não deteve a disseminação da COVID-19, que alcançou

regiões longínquas como as dos rios Negro e Solimões. Conforme Simonetti et al. (2022), o alastramento da doença ocorreu devido à circulação humana, através dos deslocamentos diários e semanais da população pelo transporte fluvial, principal meio de locomoção dos(as) ribeirinhos(as), o que contribuiu para a expansão do vírus a partir de Manaus para outros municípios, incluindo as comunidades. Ademais, os(as) autores(as) atentaram para o baixo isolamento e distanciamento social, que foi lembrado pela entrevistada:

*Na época eu era presidente da comunidade e a dona Raimunda ... ela veio até a minha casa pedir permissão para fazer ... o aniversário do esposo dela ... em nenhum momento eu pensei, né, na situação ... e acabei concordando, né ... cinco pessoas foram contaminadas ... e aí foi por diante (Diadorim).*

A fala nos traz a quebra dos protocolos de saúde por meio de uma aglomeração social em um aniversário. Aparentemente, trata-se de um episódio de desobediência civil, mas devemos visualizar a questão pelo prisma psicossocial: os PCT possuem identidade coletiva e sentimento de pertencimento também pautados numa ética de solidariedade e relações familiares de proximidade (CFP, 2019). Essas características sociais e culturais são marcantes do modo de vida comunitário ribeirinho (Higuchi et al., 2013) e das florestalidades amazônicas (Calegare, 2023). Contudo, durante a pandemia tais características de sociabilidade facilitaram a disseminação da COVID-19 (Floss et al., 2020).

### **3.3 Necroconvivência**

Tal categoria expõe as experiências de convivência com a morte no hospital do município de Iranduba durante a “segunda onda” da COVID-19. Cabe mencionar que a taxa de letalidade por COVID-19 no Amazonas, no ano de 2021, foi de 5%, isto é, a cada 100 pessoas infectadas, 5 evoluíram para óbito (FVS, 2021). De acordo com Salino e Ribeiro (2023), o estado do Amazonas se tornou epicentro mundial da maior crise sanitária secular (taxa de mortalidade de 2 mil pessoas/milhão hab.) superando a taxa da Bélgica (1.818 mil pessoas/milhão hab.), país com maior número relativo de mortes por Covid-19. A capital Manaus, era a única cidade do estado que teve aparato para atender aos casos de alta complexidade, aumentando assim os fatores de riscos.

Os trechos abaixo expressam as necroconvivências:

*Passei 10 dias ... meio que apavorada ... achava que eu tava doente, que eu tava passando mal ... eu comecei a chorar ... entrando em depressão ... teve um dia que morreram 6 pessoas ... entrava para lá para sala de emergência ... saia já morto ... O enfermeiro chegava, ele dizia: “olha vai acabar o oxigênio vocês se preparem” ... vi a dona Raimunda morrer umas três vezes ... tive que optar por tirar o oxigênio da dona Raimunda e dá para o meu primo ... naquele dia eu chorei muito ... eu tinha que matar uma vida pra salvar outra ... a gente perdeu todos dois (Diadorim).*

*Ver pessoas morrendo ... pessoas gritando. Várias pessoas, pedindo por socorro (Nhorinhá).*

*Quando no dia que levaram a Raimunda foi quando o dia que eu tava mais pior que eu não consegui ver ela, daí eu vi ela, saire com ela aqui debaixo de chuva aí quando eu ia bem ali, ela disse: “volta meu filho, deixa que eu vou”. Ela já tava, ia com falta de ar. A dona Raimunda morreu, Pedrina que acompanhou ela, a Jamile, por falta de ar, né, naquela falta do oxigênio, né, que não tinha em canto nenhum, e isso agravou muito ela e... a respiração dela foi acabando. Não tinha um oxigênio né pra ajudar. (Zé Bebelo).*

Do desmesurado crescimento dos casos de Covid-19 no Amazonas, veio a crise no abastecimento de medicamentos e oxigênio nas unidades de saúde, levando muitos pacientes acometidos pela Covid-19 a óbito por asfixia (Salino & Ribeiro, 2023). Foi em função da precariedade dos serviços públicos de saúde no Amazonas que a falta de oxigênio impôs aos contaminados e seus familiares posicionamentos difíceis, ora quando o oxigênio acabava, ora quando precisava suprir mais de uma demanda. Essa situação levou equipes médicas a adotarem protocolos de escolha de pacientes, usando como critério quais teriam mais chances de sobreviver com o uso do cilindro (Alves et al., 2023).

No relato abaixo temos descrita a vivência da doença no âmbito intrafamiliar e comunitário, que exemplifica como foi o período da pandemia na comunidade:

*O momento mais difícil foi quando a Iolanda né, pegou a covid e assim, eu tinha que cuida dela mas é, não podia tá próximo, né, dela, né? Tipo assim, a gente vevi junto tem 28 anos de casado, eu dormi no quarto e ela noutro.*

*E aí nesse período que ela tava se recuperando, foi quando a dona Raimunda é, se arreou, né, inclusive foi a óbito mermo, faleceu. Então foi o momento mais difícil para mim, foi esse, dessa convivência que nós passemos, né, e olhar a comunidade assim todo mundo arreado e a gente não poder praticamente assim não sabe nem o que fazer, né? ... E aí quando ela [dona Dilce] pegou também aí eu fiquei só né, ainda fiquei uns dias aí também me arriei também covid, foi muito difícil momento. É tipo assim como várias família que tava com.... a gente ia levando, né, assim, porque era um vírus que, ave maria não gosto nem de pensar assim, a pessoa fica jogado mermo. Tinha pessoas aqui que nem o Ezio que nem outras pessoas pra li, Tati era um bocado de gente, todo mundo com falta de ar e a gente não sabe, era desesperador mermo (Zé Bebelo).*

Os impactos da necroconvivência forçada, para a saúde física e mental, desvelam incontáveis imagens de dor que marcaram as falas, notificando a composição de sintomas de sofrimento psíquico, agravados por estresse pós-traumático, que abalou o psicológico das acompanhantes e elevou o risco do desenvolvimento de transtornos mentais (Scheinkman, 2023).

Segundo os relatos informais, o corpo de dona Raimunda foi transportado pelo rio Negro de barco até a comunidade Saracá, recebendo poucas visitas. Não houve despedida, nem funeral. Houve impacto da privação ao luto comunitário pelo distanciamento social forçado. Em seguida, o corpo foi encaminhado ao cemitério da comunidade do Acajatuba, na RDS Rio Negro. Conforme argumentou Souza e Souza (2019), do ponto de vista psicológico os rituais fúnebres servem como mecanismo de significação da morte de uma pessoa significativa, possibilitando trabalhar o luto, contextualizar a perda, descrever o que não se consegue expressar em palavras e dar o suporte da compreensão compartilhada socialmente da morte. Dessa feita, não poder ter tido os rituais fúnebres à altura de uma líder comunitária de prestígio foi um segundo motivo de sofrimento aos moradores da comunidade Saracá.

O óbito pandêmico de lideranças antigas, gerou comoção na população em toda a região do baixo Rio Negro (Alves et al., 2023). Além disso, com a morte da líder comunitária, os moradores sentiram-se dispersos. Isso nos mostra como uma

figura de liderança, que articulava os nós das redes comunitárias, tinha força e influência na vida comunitária (Montero, 2004). Até o presente, a comunidade está impactada por essa perda e sente saudades de sua ex-líder, sendo o fato mais marcante da pandemia nesse lugar.

### 3.4 Impactos e Enfrentamentos

Nesta categoria trazemos os impactos gerados pela pandemia, que afetou a dinâmica da vida comunitária, o TBC e que gerou algumas estratégias de enfrentamento. Inicialmente, houve a suspensão por tempo indeterminado, via portaria da Secretaria de Estado e Meio Ambiente em março de 2020, de autorizações para a realização de filmagens, visitas, turismo e pesquisas nas UC, que perdurou até metade de 2022. Houve redução da mobilidade fluvial, que foi limitada para que estava fora da RDS Rio Negro, mas quem estava dentro podia circular (Alves et al., 2023). Essa medida e as recomendações sanitárias impactaram na principal forma de sustento, a pesca, como destacado no trecho abaixo:

*Tive que banhar o motor ... com sabão com álcool em gel no motor, com medo do vírus vim ... lá Manaus, a gente não conseguia comprador ... a gente passava duas noites, três noite ... teve a restrição por exemplo 30% descia hoje, aí amanhã descia mais 30%, aí depois descia o resto então era limitado o peixe, era muito peixe (Zé Bebelo).*

A quantidade de peixe limitada a chegar aos pontos de escoamento e venda, em função da restrição do número de embarcações aportando diariamente, causou impacto na vida dos pescadores. O pescador ainda pontuou que *“muita gente em Manaus, pessoas que compravam nosso peixe morreram, foi e tá sendo uma consequência”* (Zé Bebelo). Como ressaltaram Higuchi et al. (2013), a pesca é uma das práticas produtivas de exploração dos recursos naturais que gera renda e cujo trabalho confere identidade ao(à) ribeirinho(a), tendo havido prejuízos materiais e simbólicos em função da restrição imposta naquele momento. Para Reis-Filho & Quinto (2020), isso promoveu danos identitários, com comprometimentos psicológicos que chegaram em formas de sintomas.

Ademais, houve a interdição do TBC em toda RDS Rio Negro, fato que

mudou a dinâmica de organização local, deixando várias associações, famílias e grupos comunitários ainda mais vulneráveis (Simonetti, et al., 2022; Moraes et al., 2023). Os relatos abaixo sublinham a paralisação do turismo, as dificuldades de quem vivia dessa atividade e a desarticulação da atividade na comunidade Saracá:

*Foi afetado totalmente porque na época ... não podia receber ninguém (Nhorinhá).*

*Quem trabalha com turismo nesse período ficou sem nenhum recurso (Diadorim).*

*Foi o ponto principal para que ocorresse essa ... desorganização toda, né, que tá hoje ... antes tinha o grupo ... de oito a nove mulheres ... Formiguinhas do Saracá ... hoje formiguinhas só são três pessoas (Diadorim).*

*Tem dois grupo hoje, né, de artesanato (Zé Bebelo).*

Pelas narrativas se nota que a desorganização decorrente do COVID-19 culminou na cisão do grupo que geria o TBC, revelando posteriormente a existência de conflitos intracomunitários por interesses divergentes que gerou mais grupos. Conforme assinalaram Calegare et al. (2013), cada comunidade se organiza conforme suas redes internas e há divergências, convergências e disputas de poder inerentes às tramas comunitárias.

Contudo, por nossa experiência em comunidades ribeirinhas observamos que embora as disputas intracomunitárias paralise as comunidades, há contextos em que isso funciona como fator encorajador para o desenvolvimento de empreendimentos coletivos inovadores a todos, resultantes do esforço de um grupo que quer se mostrar mais atuante e, por isso, conquista destaque na comunidade. No caso da comunidade Sacará, pudemos observar que inicialmente havia a condução de dona Raimunda que, por seu estilo de liderança agregador, conseguia abrandar conflitos e manter certa coesão grupal (Montero, 2004). Com sua morte e com os impactos da COVID-19, os grupos intracomunitários se reorganizaram e, em função de suas afinidades e divergências, se dividiram em dois novos grupos. Adiante abordaremos a respeito de como isso tem gerado novos resultados ao TBC.

Antes, ressaltamos que durante a “primeira onda” os(as) moradores(as) receberam o auxílio emergencial do governo federal e doações de alimentos e



remédios por instituições não governamentais, que serviram para minimizar os impactos socioeconômicos da pandemia. Por outro lado, como estratégia de enfrentamento “na segunda onda” houve o resgate de conhecimentos de remédios caseiros e distribuição de alimentos:

*A gente fazia o chá de limão com hortelã com ... mastruz, jambu, mastruz com leite ... com limão, cebola, sei que a gente fazia panelada de chá, mingau ... xarope com abacaxi, mel de abelha, andiroba ... chama os remédio caseiro, né (Diadorim).*

*A dona Dilce vinha pra acabar com ... a gente fazer panelada de mingau pra dar pras pessoas assim, aquele mingau da caridade, né, bem fininho (Zé Bebelo).*

Essa solidariedade comunitária para enfrentamento da pandemia revelou, por um lado, as respostas dos moradores diante da insuficiência estatal no enfrentamento da COVID-19 (Petra et al., 2022). Por outro lado, demonstrou que os(as) ribeirinhos(as) não apenas detêm conhecimentos a respeito de plantas e ervas (Higuchi et al., 2013), expressando um modo de vida ligado à floresta (Calegare, 2023), mas um processo de valorização cultural por ações individuais e coletivas que resultaram em estratégias de enfrentamento e na participação ativa frente ao problema vivido (Câmara, 2008; Freitas, 2020; Montero, 2004).

### 3.5 Consequências e Novo Normal

Nesta categoria são apontadas as consequências da COVID-19 na saúde física e mental dos(as) moradores(as), assim como a rearticulação do TBC. Os trechos abaixo indicam consequências na saúde geral:

*A pandemia afetou muito minha vida ... psicologicamente ... eu já não consigo fazer, fazer o que eu fazia antes, principalmente do lado físico ... hoje, eu tenho muita dificuldade ... eu esqueço as coisas assim rapidinho (Diadorim).*

*Muita sequela ... eu sinto muitas dores na costa, dor de cabeça constante ... o meu corpo fica mais cansativo ... na pesca que eu fico bastante sentado na proa da canoa assim, sinto eu muita dor nas pernas, nas juntas (Zé Bebelo).*

*As coisas não vão ser mais o mermo né ... perdemo dona Raimunda (Zé Bebelo).*

Ainda estão em andamento pesquisas que revelem as exatas sequelas da COVID-19 na saúde física e mental das pessoas, apesar de haver indicativos de muitos sintomas que persistem na síndrome pós-COVID-19 (Barros et al., 2023), como relataram os(as) depoente.

Quanto à atenção psicossocial mais especificamente, as comunidades ribeirinhas ainda não dispõem de aparelhos voltados à saúde mental, deixando os(as) moradores(as) à mercê de si próprios para resolverem suas questões e traumas, o que nos indica o quanto as populações rurais amazônicas estão distantes do acesso às políticas públicas (Higuchi et al., 2013).

Quanto ao TBC, temos o seguinte:

*É a hora da gente olhar para frente, né, e acreditar mais no nosso potencial ... na comunidade se desenvolvendo todo mundo ganhando dinheiro, né ... o turismo ele tá mais presente hoje ... o turismo de base comunitária que é o que nós trabalhamos no nosso dia a dia ... quanto o coletivo ... tá sendo muito difícil até hoje (Zé Bebelo).*

*Tem uma pessoa que comprou uma geladeira com dinheiro ... que veio do turismo, pessoas que hoje já consegue comprar seu, o seu rancho vendendo artesanato, esse é um impacto positivo para mim (Zé Bebelo).*

Por essa fala, observa-se que após a paralisação imposta pela SEMA o TBC foi retomado e apresentou uma aposta promissora na comunidade Sacará e fonte de renda para alguns. Apesar da divisão de um único grupo anterior à pandemia em dois novos grupos, isso não significou perdas financeiras, e sim ganhos. Ao longo de nossas visitas, pudemos presenciar o investimento de alguns(mas) moradores(as) no turismo, por meio de famílias que investiram na construção de um redário novo e de duas pousadas para receber os turistas. Logo, o TBC reconfigurou-se, com mais grupos familiares ativos na atividade que, na soma, tornam a comunidade Saracá um destino turístico interessante, pois as mudanças geradas pela pandemia implicaram também novas realidades e perspectivas (Moraes et al., 2024). Essa participação e protagonismo social no planejamento, implementação e avaliação dos projetos turísticos são fatores que tipificam o TBC

(Irving, 2009).

Ademais, pudemos vivenciar que o TBC potencializou o desenvolvimento das formas participativas de ação (Câmara, 2008), porque comportou o envolvimento dos diferentes sujeitos sociais no planejamento da atividade, cada um no seu papel e nas suas expectativas, *“levando ao pensamento positivo que vai dar certo as coisas que estão por vir e a crença de viver cada vez melhor dentro do lugar”* (Nhorinhá). Isso expressa que à medida que os atores sociais se reconhecem como agentes construtores da realidade e do desenvolvimento local, ocorrem os sentimentos de pertencimento e empoderamento decisórios (Calegare, 2021; Freitas, 2020; Monteiro, 2004).

Em suma, apesar do luto coletivo, pela perda da líder comunitária durante a pandemia da COVID-19, houve rearranjo das redes comunitárias, aparecimento de novos grupos e reafirmação do turismo como uma atividade que dá identidade à comunidade Saracá. Isto é, houve articulação suficiente na comunidade para resgatar e continuar desenvolvendo o TBC, que é um fator importante a esse tipo de iniciativa (Maldonado, 2009, 2014). Ou, em termos psicossociais, houve novas alianças e reconfiguração das redes comunitárias, engajamento, participação, estratégias comunitárias e eficácia coletiva (Calegare et al., 2013; Câmara, 2008; Montero, 2004). O que pudemos observar foi que frente às expectativas do “novo normal”, a comunidade Saracá reorganizou-se em suas relações cotidianas.

#### **4. Conclusão**

Realizamos esta pesquisa em uma comunidade ribeirinha pertencente a uma RDS do estado do Amazonas por meio das bases teórico-metodológicas da PSC, adicionando-se leituras das ruralidades/florestalidades amazônicas. Por meio destas, pudemos realizar análises de processos psicossociais que agregou questões das subjetividades dos(as) moradores(as), da comunidade e da atividade do turismo no meio amazônico, atravessados por um acontecimento que marcou a temporalidade comunitária: a vida na comunidade Sacará antes, durante e depois da pandemia da COVID-19.

Nossas análises psicossociais indicaram que o viver na comunidade Sacará era marcado pela líder, dona Raimunda, que conduzia um grupo comunitário para

gerir o TBC e que garantia a coesão das redes comunitárias. Vivia-se com alegria e de acordo com as peculiaridades das florestalidades amazônicas. Com o advento da COVID-19, os(as) moradores(as) enfrentaram dificuldades para escoar a produção de pescado e tiveram o turismo suspenso, causando-lhes prejuízos simbólicos e materiais. Além disso, muitos(as) lidaram com a necroconvivência durante vários dias, o que foi uma experiência traumatizante. Aos que convalesceram após a doença, sentiram sequelas não apenas físicas, mas também psicológicas em função das perdas de pessoas queridas, sem amparo de aparelhos públicos de saúde mental e do direito aos rituais fúnebres para elaboração do luto.

Como estratégias de enfrentamento, houve uso de remédios naturais produzidos pelos(as) moradores(as) e compartilhados entre todos(as), além dos auxílios governamentais e não governamentais. E, por fim, passada a pandemia houve reorganização das redes comunitárias em novos arranjos, lideranças e grupos, retomando o TBC por diferentes vias e novos empreendimentos. Isso tudo nos indica que apesar das dificuldades, os(as) ribeirinhos(as) encontraram maneiras de buscar melhorias e potencializar o que já possuíam, isto é, a estratégia de turismo que vinha se consolidando nos anos prévios.

É importante, nesse sentido, considerar em leituras psicossociais das ruralidades/florestalidades amazônicas esse ativismo e força de superação dos(as) ribeirinhos(as), que vai contra a visão ideológica e estereotipada de indolência e conformismo dos povos da floresta e latino-americanos. Os(as) moradores(as) da comunidade Sacará nos mostraram que apesar da morte da liderança, presença de conflitos intracomunitários e perda da eficácia coletiva em função da COVID-19, houve reorganização dos vínculos e redes comunitárias, com formação de novas tramas coletivas visando ao desenvolvimento local. Isso resultou na ascensão de investimentos familiares no TBC e de novas configurações psicossociais e econômicas que subjazem ao atual cenário comunitário.

### Referências

- Alves, J. D. G., Côrtes, J. C., & D'Antona, A. O. (2023). Expansão da COVID-19 em Unidades de Conservação na Amazônia: implicações para a mobilidade espacial da população no Mosaico do Baixo Rio Negro. *Terra Livre*, 2(59), 246-285.



<https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2933>

- Araújo, K. B., & Calegare, M. G. A. (2018). Os festejos como estratégia de fortalecimento comunitário em comunidade de Manaus (AM). *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(3), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-37030002292017>
- Bardin, L. (2011). *Análise do conteúdo*. Edições 70.
- Barros, J. P. R. A., Cardoso, M. S. O., Paz, E. L., Paz Jr., F. B., Santana, K. R., Cruz, A. P., Silva, L. N. C., & Guaraná, C. F. R. (2023). Principais sequelas relacionadas à COVID-19: uma revisão de literatura. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 5(4), 1190-1212. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p1190-1212>
- Calegare, M. (2021). Processos e interatuação psicossocial. In M. Calegare, & A. S. C. Mezzalira (Eds.), *Processos psicossociais vol.2: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política* (pp. 27-48). Alexa Cultural; Edua.
- Calegare, M. (2023). Psicologia florestal amazônica e os processos psicoflorestais. In M. Calegare, L. P. Ribeiro, & A. Olivera-Mendez (Eds.), *Psicologia Rural: percursos, práticas e reflexões latino-americanas* (pp. 35-52). Alexa Cultural; EDUA.
- Calegare, M. G. A., & Higuchi, M. I. G. (2013). Psicologia social e ambiental em unidades de conservação do Amazonas. In J. F. Leite, & M. Dimenstein (Eds.), *Psicologia e contextos rurais* (pp. 171-199). Edufrn.
- Calegare, M. G. A., Higuchi, M. I. G., & Forsberg, S. S. (2013). Desafios metodológicos ao estudo de comunidades ribeirinhas amazônicas. *Psicologia & Sociedade*, 25(3), 571-580. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000300011>
- Câmara, S. (2008). Compromisso, participação, poder e fortalecimento comunitário: à procura de um lugar no mundo. In M. Dimenstein (Eds.), *Psicologia social comunitária: aportes teóricos e metodológicos* (pp. 43-58). EDUFRRN.
- Conselho Federal de Psicologia. (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) como povos tradicionais*. CFP. [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/CFP\\_PovosTradicionais\\_web.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2019/12/CFP_PovosTradicionais_web.pdf)
- Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. (2007). Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Governo Federal. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-)



[2010/2007/decreto/d6040.htm](https://2010/2007/decreto/d6040.htm)

- Estado do Amazonas (2023). Secretaria do Meio Ambiente. <https://meioambiente.am.gov.br/unidade-de-conservacao/>
- Fernandes, J. S. N., & Moser, L. (2021). Comunidades tradicionais: a formação socio-histórica na Amazônia e o (não) lugar das comunidades ribeirinhas. *Revista Katálysis*, 24(3), 532–541. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79717>
- Floss, M., Franco, C. M., Malvezzi, C., Silva, K. V., Costa, B. R., Silva, V. X. L., Werreria, N. S., & Duarte, D. R. (2020). A pandemia de COVID-19 em territórios rurais e remotos: perspectiva de médicas e médicos de família e comunidade sobre a atenção primária à saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(7), e00108920. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00108920>
- Freitas, M. F. Q. (2020). Análise de necessidades e inserção na comunidade: relações na perspectiva da psicologia social comunitária. In G. M. Poli, & M. C. Antunes (Eds.), *Intervenções em psicologia comunitária e da saúde: teoria e prática* (pp. 19-38). Juruá Editora.
- Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas (2021). Coronavírus. Perfil clínico e demográfico dos casos de COVID-19 no estado do Amazonas: uma análise comparativa entre 2020 e 2021. *Boletim Epidemiológico*, 17, 1-8. <https://www.fvs.am.gov.br/boletim-epidemiologico>
- Góis, C. W. L. (2005). *Psicologia Comunitária: atividade e consciência*. Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais.
- Higuchi, M. I. G., Calegare, M. G. A., & Freitas, C. C. (2013). Socialidade e espacialidade das unidades de conservação no Amazonas. In M. I. G. Higuchi, C. C. Freitas, & N. Higuchi, (Eds.), *Morar e viver em unidades de conservação no Amazonas: considerações socioambientais para os planos de manejo* (pp. 23-62). Autores.
- Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (2018). *Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação federais: princípios e diretrizes*. ICMBIO. <https://ava.icmbio.gov.br/mod/data/view.php?d=17&rid=2977>
- Irving, M. A. (2009). Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é possível. In R. Bartholo, D. G. Sansolo, & I. Bursztyn (Eds.), *Turismo de*





- Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (pp. 108-121). Letra e imagem.
- Lira, T. M. & Chaves, M. P. S. R. (2016). Comunidades Ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. *Interações (Campo Grande)*, 17(1), 66-76. <https://doi.org/10.20435/1518-70122016107>
- Maldonado, C. (2009). O Turismo Rural Comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: R. Bartholo, D. G. Sansolo, & I. Bursztyn, (Eds.), *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras* (pp. 25-44). Nova Letra Gráfica e Editora.
- Maldonado, C. (2014). Turismo Rural Comunitario en America Latina: las experiencias de REDTURIS. In C. B. M. Costa Novo, & J. G. Cruz, (Eds.), *Turismo Comunitário: reflexões no contexto amazônico* (pp. 15-39). Edua.
- Menezes, T. Z., Simonetti, S.R., Lima, A.R.N., & Nogueira, D.R.C. (2021). Reflexões em tempos de pandemia: um olhar sobre o turismo no Amazonas. *GEO UERJ*, 39, e61315. <https://doi.org/10.12957/geouerj.2021.61315>
- Montero, M. (2004). *Introducción a la Psicología Comunitaria: Desarrollo, conceptos y procesos*. Paidós.
- Moraes, E. A., Mendonça, T. C. M., & Estevão, P. H. R. (2023). Turismo de Base Comunitária em meio à pandemia Covid-19 no Brasil: enfrentamentos, redes e caminhos em transição. *Revista Da ANPEGE*, 19(40), 1-27. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/16525>
- Moraes, E. A., Guerra, M. F., Mendonça, T. C. M., & Fenerich, G. N. (2024). Turismo de Base Comunitária em unidades de conservação de uso sustentável no Brasil: para pensar práticas de gestão. *Turismo: Visão e Ação*, 26, e19133. <https://doi.org/10.14210/tva.v26.19133>
- Petra, P. C., Bueno, F. T. C., Chagas, C. L. R., Lage, L. R., & Palácios, M. (2022). Solidariedade pandêmica: respostas da sociedade diante da insuficiência estatal. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(11), 4107-4116. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222711.11052022>
- Reis-Filho, J. A., & Quinto, D. (2020). COVID-19, social isolation, artisanal fishery and food security: How these issues are related and how important is the sovereignty of fishing workers in the face of the dystopian scenario. *SciELO*



*Preprints*, 1-26.

Salino, A. V., & Ribeiro, G. M. A. (2023). Análise da oferta de hospitais e leitos hospitalares no estado do Amazonas ante a pandemia da Covid-19. *Saúde em Debate*, 47(136), 200-214. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313613>

Scheinkman, L. (2023, 06 de outubro). Ansiedade e depressão em sobreviventes da COVID-19: Papel dos preditores inflamatórios e clínicos. *Observatório de Evidências Científicas Covid-19*.  
<http://evidenciascovid19.ibict.br/index.php/tag/transtorno-de-estresse-pos-traumatico/>

Simonetti, S. R., Nassar P. M., & Jesus, J. D. S. (2022). “O turismo parou”: a pandemia e as comunidades do Mosaico do Baixo Rio Negro (AM). In I. Brasileiro, D. Bouças, H. Costa, & D. Alvares (Eds.), *Turismo, sustentabilidade e COVID-19: entre incertezas e esperanças* (pp. 50-71). UnB. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/44636>

Souza, C. P., & Souza, A. M. (2019). Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35412. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>

**Recebido: 05/06/2025**

**Aprovado: 26/06/2025**

**Publicado: 01/07/2025**

**Autores:**

Jhanine Magalhães Cabral

Turismóloga, Geógrafa e licenciada em Pedagogia, docente da rede pública de ensino e

discente em Psicologia da UFAM

[jhaninemcabral@gmail.com](mailto:jhaninemcabral@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7839-5880>

Marcelo Calegare (docente permanente do PPGPSI-UFAM)



[mcalegare@ufam.edu.br](mailto:mcalegare@ufam.edu.br)

<http://orcid.org/0000-0001-6814-5300>

### **Instituição e correspondência**

Universidade Federal do Amazonas

Av. General Rodrigo Octávio, Campus Universitário, Setor Sul, Faculdade de Psicologia, Coroado I, Manaus-AM, CEP 69080-900, (92)3305-1181 ramal 2583.